

PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO SOB PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Fernanda Viana de Castro ¹

RESUMO

Avaliar os entraves diários da produção textual dos alunos por meio dos postulados da Psicanálise mostra que a formalização da escrita é influenciada por fenômenos da ordem do inconsciente e, portanto, submetida a toda a sorte de impedimentos que a representação de si provoca para o sujeito que a efetua. Partindo desse pressuposto, surge a preocupação de pesquisar a ocorrência de sintomas físicos e/ou psicológicos, como a inibição, a angústia, dentre outros, manifestados em alunos do 3º ano do Ensino Médio, no momento das produções textuais. Para a discussão dessa temática, esta pesquisa fundamenta-se em Freud (1987), Kramer (2001), Lacan (2002), dentre outros renomados autores que concedem validade científica a este estudo. Os métodos utilizados foram entrevistas e aplicação de questionários visando apurar quantitativamente percentuais precisos e analisa-los. Os principais resultados apresentam um estudo comparativo das duas escolas a fim de compreender quais são e como ocorrem os sintomas físicos e/ou psicológicos no ato da escrita. Conclui-se deixando contribuições no estudo das produções textuais, agora compreendidas psicanaliticamente.

Palavras-chave: Produção Textual, Psicanálise, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Considerada como tarefa árdua, a produção textual é vista por diversas pessoas, inclusive, adolescentes e estudantes como uma atividade consideravelmente marcada por aspectos psicológicos. Partindo desse pressuposto, surge a preocupação de pesquisar a ocorrência de sintomas físicos e/ou psicológicos, como a inibição, a angústia, dentre outros, empreendidos por Freud e Lacan, que permitem desenvolver uma investigação a respeito do que gera tal dificuldade nas produções textuais dos alunos do 3º do Ensino Médio das Escolas Mérito e Lucinete Santana em Paulistana-PI.

Observa-se que, mesmo entre alunos que dominam razoavelmente a Língua Portuguesa, quando eles se deparam com a necessidade de elaborar um texto, ocorre

¹ Doutoranda do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), prof.nanda@ifpi.edu.br; Professora de Língua Portuguesa do IFPI campus Paulistana.

uma típica situação em que eles ficam paralisados e muitas vezes desencadeiam-se reações físicas como dor, transpiração, mãos e/ou pés gelados, inquietações, dentre outros, também manifestos antes e durante a escrita do texto.

Estas pessoas, cujos corpos excedem a soma dos seus sistemas orgânicos e convocam afetos, mantem-se angustiosamente do outro lado da folha em branco, diante do horror que experimentam perante a tarefa de escrever. Desde a infância até a fase adulta, observa-se que diversas pessoas revelam no corpo, que passam de audaciosos a vulneráveis, num átimo, sob o jugo do papel. Tal dificuldade é acompanhada por expressões, como: eu não consigo colocar a ideia no papel; não encontro as palavras; me deu um branco, não vou conseguir, etc. Frases que se repetem em sala de aula, durante provas de concursos, que exijam a redação, no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e outros.

Investigar e descrever tal fenômeno é de suma importância, a fim de melhorar cada vez mais a prática docente no ensino de língua portuguesa, além de tentar entender o porquê desses sintomas manifestados no ato da escrita. Outra contribuição diz respeito ao ensino de língua portuguesa, especificadamente a produção textual, não só na cidade de Paulistana, mas em nosso país unindo-se a outras pesquisas já realizadas.

Observa-se que a constante presença de sintomas físicos e psicológicos nas produções escolares, não só inquieta o professor como também o próprio aluno, pois muitas vezes a produção textual não chega ao fim e se chega certamente conterà alguns erros gramaticais além de embaraços no entendimento do texto.

Analisar as dificuldades da produção textual dos alunos através dos postulados da psicanálise evidencia que a formalização da escrita é influenciada por fenômenos da ordem do inconsciente e, portanto, submetida a toda a sorte de impedimentos que a representação de si provoca para o sujeito que a efetua.

Diante dessas condições, questionou-se: Como os professores e alunos lidam com esses fenômenos no momento das produções textuais? E quanto ao aluno, será que ele é consciente desse problema a ponto de entender o que acontece consigo quando lhe é solicitada uma produção textual? Na análise dos dados, as respostas desses questionamentos foram obtidas, a fim de concluir com êxito o entendimento deste trabalho. Por fim as considerações finais fazem um apanhado geral do trabalho com vistas a deixar contribuições no campo da psicanálise e da linguística.

METODOLOGIA

Para execução desta pesquisa duas Escolas foram escolhidas, a Escola Lucinete Santana (Rede Pública Municipal) e a Escola Mérito (Rede Particular) tendo em vista ser uma expressiva representação de todas as Escolas da cidade que ofertam o Ensino Médio, além de serem duas Escolas de redes de ensino diferentes, isto é, uma pública e outra particular. Percebeu-se que os dados obtidos geraram resultados possíveis de serem comparados, visto serem de níveis de ensino diferentes.

A pesquisa contou com os seguintes métodos: Um questionário semiestruturado para os alunos do 3ºano do Ensino Médio e uma entrevista para os professores das referidas turmas. Buscando atender a disponibilidade de tempo de cada sujeito participante, manter preservada sua identidade e respeitar o seu momento pessoal. Vale lembrar que “A arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas” (SELLTIZ, 1987:644). A situação em que foram realizadas as entrevistas contribui muito para o seu sucesso, pois os professores das referidas Escolas se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa tanto com a entrevista, como também já na expectativa do resultado final da mesma, no intuito de melhorar sua didática com base nos resultados obtidos.

Buscou-se fazer uma análise do discurso tanto dos alunos, quanto dos professores a fim de entender o que pensam sobre os sintomas físicos/psicológicos e como os encaram no momento das produções textuais.

Nesta investigação foi privilegiada uma abordagem de natureza qualitativa, uma vez que se pretendeu uma observação detalhada e uma compreensão pormenorizadas de um contexto educativo. Optou-se, assim, por realizar um estudo de caso. Cohen e Manion (1990) referem que o investigador, que utiliza o estudo de caso, observa as características de uma unidade, de uma criança, de um grupo, de uma turma, de uma escola ou de uma comunidade. Participaram dessa pesquisa 22 (vinte dois) alunos e 2 (dois) professores de Língua Portuguesa.

A Escola Mérito tem apenas uma turma de 3º ano do Ensino Médio, composta por 11 alunos. Fizeram parte dessa pesquisa 100% da turma, sendo oito mulheres e três homens, pertencentes a uma faixa etária de 15 a 18 anos.

Por sua vez a Escola Lucinete Santana dispõe de três turmas do Ensino Médio integradas aos Cursos Técnicos de Análises Clínicas, Administração e Informática,

todas compostas por 30 alunos. Participaram dessa pesquisa onze alunos (mesma quantidade da Escola Mérito) divididos entre quatro alunos dos Cursos de Análises Clínicas, quatro de Administração e três de Informática. A faixa etária compreende as idades de 17 a 20 anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Meditar sobre os entraves diários da produção textual dos alunos por meio dos postulados da psicanálise mostra que a formalização da escrita é influenciada por fenômenos da ordem do inconsciente e, portanto, submetida a toda a sorte de impedimentos que a representação de si provoca para o sujeito que a efetua. Ao observar um texto, em seus aspectos constituintes, faz-se necessário analisar a presença de duas instâncias, a saber: o consciente e o inconsciente. No tocante ao consciente, visto ser o idioma identificador comum de um determinado grupo social, no enunciado, escrito ou falado, a estrutura é diacrônica, da categoria do ordinal, linear e implica numa ordem lógica e tende à significação.

Entretanto, na linguagem há também envolvido o processo primário, que por sua vez, depende do funcionamento do inconsciente. Ele é sincrônico, simultâneo e não organizado. Nele há uma sintaxe, ou seja, uma multiplicidade de significantes, (elementos expressivos do discurso) que determinam — à revelia do sujeito — suas ações e palavras.

Os significantes no processo primário coabitam uma desordem aparente. Lacan (1985) chamou a esse estoque de significantes de *lalangue* (*alíngua*, como se convencionou traduzir). Nesta, as associações são singulares e constituem a trilha deixada pelas primeiras experiências constitutivas do sujeito. É por isso, afirma Lacan (op. cit.), que o inconsciente só pode mesmo estruturar-se como uma linguagem, e esta é sempre hipotética visto que guarda relação com aquilo que a sustenta, a saber: *a lalangue*. Dessa forma, *Lalangue* (*alíngua*), é a produção original do sujeito e é nutrida por ligações incoerentes que caem no esquecimento e não entram no ciclo da simbolização. Freud (1996, vol. V) nomeou de "energia livre" no processo primário à forma desordenada e livre dessas associações, enquanto no processo secundário fala de uma "energia ligada".

Nota-se que o mecanismo do recalque, cujo objetivo é manter no inconsciente as ideias e representações ligadas às pulsões, está na própria disparidade dessas duas ordens que não cessam de se interpenetrar. Em virtude dos significantes do inconsciente serem agenciados no ato da escrita há, em todo o fenômeno linguageiro, o acionamento de afetos e de um corpo que ultrapassa o físico. Esse envolvimento pode resultar em inibição de escrita.

Ao analisar situações de sala de aula, notam-se diferentes embaraços de escrita, desde o que não se dá por falta de estruturas simbólicas significativas para o sujeito até uma expressiva recusa da escrita que pode se configurar em ato, no sentido psicanalítico do termo. É comum a presença de determinadas falas verbais que sugerem envolvimento de uma resignação gozosa, e que vem à tona em afirmações, como: *eu não consigo pôr a ideia no papel; me dá um branco; eu sei para mim, mas não sei escrever*, e outras. Segundo Harari (1997) essas expressões podem colar-se a um outro dizer oculto, a saber: *o que se há de fazer, se sou assim?* Disso parece resultar um acordo de impossibilidades entre sujeitos. Se de um lado essas falas desencadeiam a tentativa, por parte dos professores, de treinar modalidades de escrita com vistas a superar a inibição (como se o que inibisse a ação fosse falta de técnicas), por outro é o gozo pela linguagem que embute uma racionalização reduzindo a inibição a um *modo de ser*, e dessa forma, não questionável.

Uma ocorrência frequente nas produções textuais de alguns alunos é a presença de trechos confusos no texto. Propõe-se que a reincidência do aparecimento de intervalos ambíguos ou sem sentido não ocorre, como é atribuído, a parco domínio da língua. Julga-se que há neles deslocamentos e condensações, fruto de elaboração inconsciente, e que rompem com o acordo tácito que há em todo o idioma para torná-lo inteligível.

Sabe-se que na escola há critérios que buscam medir o saber. Trata-se, nesse caso, de um "saber" no sentido geral de conhecimento. A inteligência está acoplada à forma como o sujeito domina a língua (saber consciente), mas também do acesso que tem ao saber sobre a *lalangue* (inconsciente). Dessa forma, dominar a língua é necessário para as operações intelectuais, porém insuficiente para elas. Portanto a *lalangue* e o desejo, que constituem como diz Lacan (1998, p. 803) esse "saber que não se sabe", saber inconsciente, ponto de partida para toda a ação do conhecimento.

Numa aproximação entre a escrita textual e a escrita inconsciente, procura-se localizar o quê, de afetos amarrados a significantes e efeito deles, se mostra na produção da primeira. A inibição é um afeto que ocupa uma posição muito especial na economia psíquica e Lacan (2002) afirma que ela tem a ver com a natureza essencial desse perigo. O que se teme? Diz ele: a aproximação ao desejo. A angústia é um sinal, remete a algo de outra ordem, ou seja, ela não representa a si própria. Dirá Lacan que quando o desejo se aproxima da efetivação, a angústia aparece porque aquele se avizinhou do gozo, que é insuportável. Por haver um trabalho intenso para fazer funcionar a língua.

Na escrita um traço de percepção pode emergir já que há um trabalho intenso para fazer a língua funcionar. Esta requer abstração, triagem, escolhas e esquecimentos necessários que se dão sem supressão total de traço. Se há problema nessas operações, haverá problemas que podem chegar a impedir a escritura. Se um tema para produção textual, cuja triagem esbarra em significantes que aproximem o sujeito daqueles que ele luta por afastar de si, algo, que precisa ficar suprimido, gera o efeito de paralisia, e consequentemente o sujeito não consegue escrever.

Após analisar os estudos de Freud e de Lacan a respeito das manifestações da inibição, da angústia, e demais sintomas dessa ordem, nota-se que o déficit cognitivo dos alunos nas atividades de produção textual são fortemente marcados por fenômenos do inconsciente, ou seja, fatores subjetivos são desencadeados e consequentemente favorecem ao mal desempenho dos alunos nas atividades de produção textual.

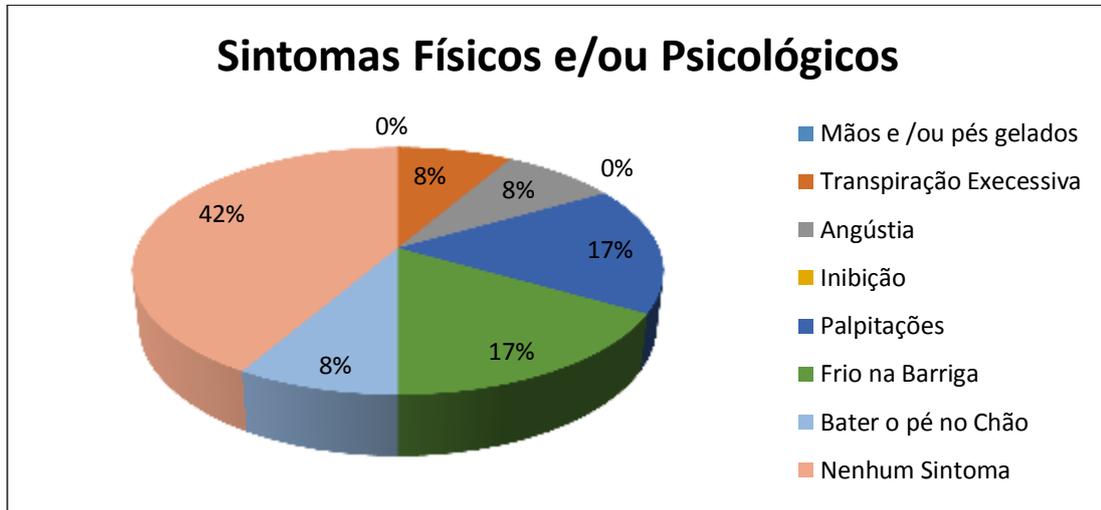
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas informações coletadas ao longo da pesquisa, fez-se uma análise na tentativa de buscar compreender a ocorrência dos indícios físicos/psicológicos no momento das produções textuais de alunos do terceiro ano do Ensino Médio, bem como estratégias por eles utilizadas para tentar amenizar as situações que tais reações eram manifestadas, as principais dificuldades por eles enfrentadas no ato da escrita, relatos de situações marcantes tanto dos professores quanto dos alunos.

Assim, percorremos os depoimentos dos sujeitos-participantes através dos distintos dispositivos que compõem esta pesquisa e nos deparamos com enunciações comuns e incomuns durante esta dinâmica. Isto gerou uma emergência para organização das mesmas em indicadores temáticos (ou categorias), o que nos proporcionou um

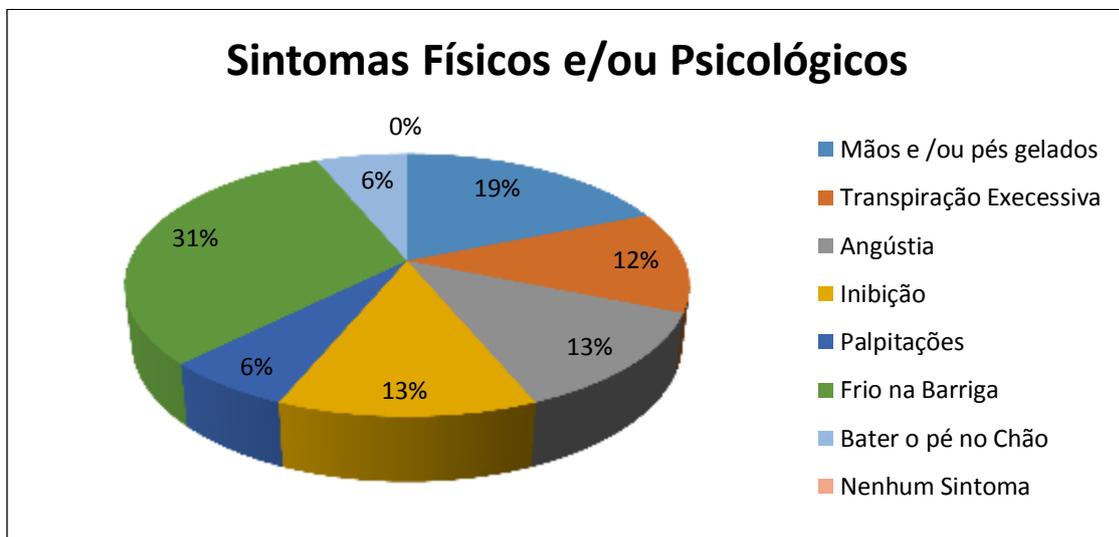
consequente aprofundamento no desenvolvimento dos dados obtidos.

A fim de investigar Manifestações dos Sintomas físicos e/ou psicológicos quando o professor solicita uma produção textual, constatou-se para a Escola Mérito os seguintes resultados:



Fonte: Elaboração da autora

Na Escola Lucinete Santana notou-se que:



Fonte: Elaboração da autora

Ao observar esses dados, fica evidente que para a Escola Mérito 42% dos alunos não manifestam nenhum tipo de sintoma físico/psicológico, os demais divididos em 17% que sentem frio na barriga e palpitações; 8% deles dizem ficar angustiados e transpirem excessivamente. Já os alunos da Escola Lucinete Santana quando entrevistados foram classificados como sendo 31% da classe diz sentir frio na barriga;

19% ficam com as mãos e os pés gelados; 13% ficam angustiados e inibidos; 12% transpiram excessivamente e 6% sentem palpitações além de baterem o pé no chão (como um tique nervoso).

Com base em estudos de Freud (1976) sobre o Id, o Ego e o Superego, entende-se que quando o conflito é muito grande e o Ego não consegue satisfazer o Id, este é rejeitado, determinando o processo chamado de Repressão. Mas o que foi reprimido não permanece no inconsciente e reaparece então sob a forma de *sintomas (representantes do reprimido)*. Então é possível entender que os sintomas físicos/psicológicos nada mais são do que respostas de defesas da psique diante de um conflito emocional interno de grande representatividade, ou seja, é uma consequência de que algo não está bem.

Tipos de avaliação como, por exemplo: concurso, exame e provas escolares, funcionam como uma espécie de gatilho que dispara um sistema de autopreservação junto a algum fator psíquico inconsciente causador de sofrimento. Destaca-se o medo como uma das causas do sucesso e do fracasso; excesso de insegurança, de ansiedade, de expectativa.

Corroborando com este aspecto, é interessante o questionamento da discussão de que (KRAMER, 2001, p. 103) faz ao dizer que, "É possível tornarmos nossos alunos pessoas que leem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores e temos medo de escrever?". Ao mencionar sua pesquisa "Cultura, modernidade e linguagem", na qual investigou o que leem e escrevem os professores, a autora afirma que conheceu "histórias de desprazer, indisposição, obrigatoriedade e vontade de não ler", depoimentos de professoras com "pavor e vergonha de escrever seus relatórios escolares".

Para desenvolver uma boa escrita o indivíduo precisa conhecer as principais regras gramaticais e a estrutura técnica do texto. De acordo com Baptista (2004) o processo de criação da escrita parece travar justamente diante da rigidez das regras impostas. O mundo das regras impõe uma escrita 'de fora', externa, de uma dimensão do outro, e o sujeito, por sua vez, não se encontra nesta possibilidade de texto.

As pesquisas de (SANTOS, 2005) "apontam que o medo maior é de nos entregarmos e nos deixarmos sem proteção, sem máscaras, desnudos, livres. Ao escrever deixa-se a nossa marca, a nossa personalidade, uma palavra em lugar de outra pode dizer muito sobre nós". Além disso, aquilo que é escrito pode ser lido, relido, analisado, estudado, enfim, há um universo infinito de possibilidades que podem ser

expostas para o mundo. Enquanto professoras a cobrança da escrita perfeita é ainda maior. Embasando as ideias acima comentadas, Paulo Freire afirma que, "controlar o medo não é a mesma coisa para todos. Depende da intensidade da prática. Depende dos resultados de sua prática". (FREIRE, 1986, p. 107)

Outro aspecto diz respeito aos fatores externos e internos, aliados ou separados, que podem explicar o bloqueio de memória em momentos em que a aprendizagem é posta a prova, principalmente em relação à produção textual. Cobranças dos pais e responsáveis, de si mesmos, dos próprios educadores, o histórico escolar do aluno naquela disciplina, perfeccionismo, escassez de autoconfiança entre outros panoramas contribuem para ao chamado branco na hora da prova, além da manifestação dos demais sintomas físicos e psicológicos. Corroborando com esse pensamento, temos o seguinte:

Os problemas de aprendizagem desencadeadores de fracasso escolar podem ser gerados por causas externas e internas à estrutura familiar, individual, no primeiro caso, são problemas de aprendizagem reativos, no segundo caso, são problemas de aprendizagem denominados inibição ou sintoma. Quando se atua nas causas externas, o trabalho pedagógico é preventivo e quando se trata de causas internas, a intervenção é terapêutica pelos psicólogos, sobretudo. (FERNÁNDEZ, 1991, p.23)

Esse clima favorável ao ensino e aprendizagem precisa ser levado em consideração por parte dos professores como um instrumento pedagógico inclusivo, e não apenas como uma forma de adaptação de seus planos de aula. Quando há a inclusão de valores e habilidades individuais de cada aluno em prol do ensino e aprendizagem coletivo se faz viável ao crescimento do intelecto e do ser social de todas as partes envolvidas no processo pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todos os segmentos da sociedade, quer seja educacional, político, filosófico, dentre outros, vê-se a presença da escrita como importante ferramenta da comunicação. E em se tratando do segmento educacional, especificadamente o 3ºano do Ensino Médio, nota-se a necessidade de escrever, principalmente como instrumento de aprendizagem e ascensão social, pois muitos desses alunos farão o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), além de Vestibulares, dentre outros exames avaliativos. Por se tratar de situações em que o aluno vê-se "obrigado" a escrever textos, como

atividades de classe, com parâmetros estabelecidos referentes à norma culta da Língua, ao tema proposto e ao tempo limite, diante disso é comum ele desencadear no momento da escrita reações físicas e/ou psicológicas, e para isso a Psicanálise por meio de Freud e de Lacan explicam-nos o porquê dessas reações.

No debate sobre uma análise psicanalítica das produções textuais de alunos do Ensino Médio das Escolas Mérito e Lucinete Santana, que tem como referência estudos de Freud e de Lacan, procuro conhecer, compreender e verificar de que forma professores e alunos lidam com situações em que há evidência desses fenômenos no momento das produções textuais, assim como as dificuldades advindas dessas situações. E quanto ao aluno, será que ele é consciente desse problema a ponto de entender o que acontece consigo quando lhe é solicitada uma produção textual?

Por fim, observou-se os seguintes resultados referente aos sintomas físicos e/ou psicológicos no momento das produções textuais:

- a) 42% dos alunos da Escola Mérito não manifestam nenhum dos sintomas.
- b) 17% da mesma turma sentem palpitações e frio na barriga.
- c) 8% deles ficam angustiados, transpiram excessivamente além de bater o pé no chão.

Para a Escola Lucinete Santana a realidade foi diferente, notou-se que:

- a) 6% da turma sentem palpitações e batem o pé no chão, como uma espécie de tique nervoso.
- b) 12% transpiram excessivamente.
- c) 13% ficam angustiados e inibidos.
- d) 31% sentem um frio na barriga.

Todas as considerações desenhadas como resultados das análises da pesquisa sobre, uma análise psicanalítica nas produções textuais de alunos do 3ºano do Ensino Médio em Paulistana-PI, reportaram-me a outras conclusões de que as divergências são indicadoras de atenção particular, por serem sinais de espaços de mudança potencial, quanto ao papel do professor no ensino da produção textual. Os aspectos consensuais se configuram, em larga média, como pontos já refletidos e juntos com as divergências constroem uma nova síntese provisória na busca de conhecimento e de concepções.

Portanto, essa é uma importante contribuição da psicanálise para educação, a saber, abrir possibilidade de dúvidas nas certezas sustentadas pelas ciências pedagógicas vigentes. Se, autorizado pela dúvida, o professor puder olhar para dificuldade de seu aluno retirando dela a pecha de déficit linguístico, ou seja, descolando-se deste significante de carência, pode encarar de forma menos persecutória a inibição do aluno para escrever e fazer um uso, que se julga mais efetivo, dos instrumentos culturais disponíveis para os fazeres escolares.

Nesse sentido, a compreensão de alguns princípios que estabelecem as condições sociais da produção textual, o valor e as concepções de texto para professores e alunos, coloca o ato de ler como possibilidade de emancipação humana e que as conclusões impressas nos resultados desse estudo proporcionam meios não suficientes, mas indispensáveis, quando colocados no redefinir do professor e do aluno no processo da produção textual.

Com base nesses resultados, orientados por determinados pressupostos ao longo desse trabalho, torna importante o repensar da ação docente e discente, o papel dessas instituições, na perspectiva de uma política de formação de leitores críticos e participativos na sociedade.

O professor como mediador do processo de ensino-aprendizagem, precisa ser interventor na resolução de problemas e desenvolver um trabalho consciente, que promova aprendizagens. Sendo assim a escola é um dos lugares mais privilegiados para diminuir problemas de aprendizagem. Ela deve oferecer condições favoráveis, satisfatórias e ambiente adequado para que o aluno possa se sentir bem acomodado no modo da escola ensinar. Precisa promover momentos de reflexão, e priorizar o papel de reconstruir a figura do aluno e do professor, onde o professor facilita a aprendizagem e o aluno seja o criador do seu processo pessoal, educacional e social/cultural. Quando a escola ensina a aprendizagem significativa, o conhecimento é aprendido e apreendido e passa a ter significado para a vida do aluno.

Articular Psicanálise e Educação é um grande desafio, mas penso ser possível esse enlace se os professores se propuserem a escutar cuidadosamente o mal-estar presente na sala de aula. Não é objetivo desta pesquisa aplicar a práxis psicanalítica ao que concerne à instituição de ensino, mas sim orientá-la a partir dos seus conceitos e estabelecer uma prática onde essa escuta seja privilegiada. O que se propõe tampouco é a formação de professores/analistas, mas a utilização da Psicanálise como um campo

teórico que muito tem a contribuir quando convergido a outros saberes, inclusive o educacional.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. L. C. Escrever: Dor e Prazer A Sobrevivência na Selva Caosmótica da Comunicação. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. São Paulo: **Intercom**, 2004. CD-ROM.

Cohen, L. e Manion, L. (1990). Métodos de investigación educativa. 2.^a Edição. Madrid: editorial La Muralla, S.A. Conclusões: métodos qualitativos e pesquisa reflexiva. In: MELUCCI, Alberto (Org.). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: **Vozes**, 2005.

Fernández, A. (1991). A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família (2a ed., pp.91-103). Porto Alegre: **Artes Médicas**.

Freire, Paulo, *Pedagogia do Oprimido* (1.^a edição, 1970), São Paulo, **Paz e Terra**, 1986.

FREUD, S. Obras Completas. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: **Imago**, 1996.

_____. Seminário livro 20, Mais ainda. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 1985.

_____. Inibição, sintomas e ansiedades. 2.^a ed. Rio de Janeiro: **Imago**, v. XX, 1987.

_____. O ego e o id. Rio de Janeiro: **Imago**; 1976.

HARARI R. Seminário a Angústia de Lacan: uma introdução. Porto Alegre: **Artes e Ofícios**, 1997.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência-notas sobre o seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.) *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: **DP&A: SEPE**, 2001, pp. 101-121.

SANTOS, Pedro Perini. Por que as pessoas têm dificuldade em escrever? — reflexões sobre a limitação repertorial e cognitiva da sociedade contemporânea. In: 1º Encontro Mineiro de Análise do Discurso, Faculdade de Letras da UFMG, jun./ 2005.

SELLTIZ, Claire et alii. Métodos de pesquisa nas relações sociais. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2.^a edição. São Paulo: **EPU**, 1987.

LACAN, J. Le séminaire, livre XXIII: le sinthome. Paris: **Seuil**, 1985.

_____. Escritos. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**, 1998.

_____. Seminário livro 10, A angústia. Publicação não comercial Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2002.